

quatorze sobre dois 14/2

Daniele Cavalcante¹

Na 14^a edição do mais esperado encontro dedicado à arte contemporânea, o curador Adam Szycmczyk toma a Grécia como signo do colapso europeu e das democracias mundiais, o que estabelece a estrutura mental das decisões curatoriais tanto em Atenas quanto em Kassel, na dupla edição da 14^a Documenta, e deixa claro manter o fluxo do diálogo sobre a imigração que vem ocupando líderes políticos e cadernos de anotações de artistas e pensadores contemporâneos de todo o mundo. As discussões que atravessam as questões sobre a dinâmica de milhões de refugiados em trânsito são de alcance global – não apenas pelos instrumentos culturais e tecnológicos da globalização, mas porque interessam tanto a países desenhados por áreas em conflito que se tornaram alvo do desejo de deslocamento, como aos que fora dessas áreas de perseguição e guerra, tornam-se receptores de um contingente intrincado de novos habitantes e acontecimentos. Os processos artísticos envolvidos têm em comum seu formato político-social mais reconhecível e próximo às complexas ou *indiferentes* condições de vida humana – permitem através de histórias singulares e abordagens cuidadosas, que questões políticas que interessam ao mundo sejam levantadas e ainda que se atualizem no correr do tempo curatorial de cinco anos que a documenta dispõe. A problemática do deslocamento sobrevivente circula entre os trabalhos, corredores e locações onde se distribui o amplo projeto da documenta 14 na cidade alemã e expõe o artista contemporâneo movido por seus provocadores, estímulos sociais da alteridade e culturas, construindo ambiência às narrativas para enfim ser cúmplice final do projeto contemporâneo dessas produções. A primeira documenta em 1955

¹ Nasceu em Fortaleza, mora e trabalha no Rio de Janeiro, cumpriu o Programa de Práticas Artísticas Contemporâneas da EAV Parque Lage, 2015. É mestre em Processos artísticos contemporâneos pela UERJ. Participa e é organizador do grupo de pesquisa “A arte Contemporânea e o Estádio do Espelho”. Participou de diversos editais e exposições como *Depois do Futuro*, 2016, *Nanica I Exposição Portátil*, 2017 e *Pavilhões [Casa França Brasil]*, 2017.



já inaugurava um pensamento que ultrapassava o caráter individual do artista moderno ao ser criada como uma mostra que resgatava a atividade artística afastada pelo estado de censura nazista.

É impreciso apontar a densidade dos danos aos que vivem sem afastamento, histórias impregnadas de custo humano decorrentes da necessidade de deslocar-se de suas geografias mais íntimas, do que poderia significar sentir-se em casa. Atualmente um a cada 113 indivíduos é solicitante de refúgio, deslocado ou refugiado. Acomete a história do mundo e envolve o comprometimento da produção artística.

O artista e escritor nigeriano Olu Oguibe reflete o entendimento que essas relações geográficas extrapolam ao colocar na Königplatz de Kassel, um obelisco de 16 metros onde era possível ler em árabe, inglês, alemão e turco a frase:

“I was a stranger and you took me in”, “eu era um estranho e você me recebeu”.



O *acolhimento* é um traço que se inscreve no trabalho, mesmo que de forma objetiva pela frase e, que acaba por expor um dado oculto da imigração abordado pelo artista. São provocadores políticos potencializados pelo argumento poético em trabalhos como o de Oguibe, acionados pela escolha do artista e que os fazem acontecer; vozes trazidas da invisibilidade por Sczymczyk e sua equipe, confiantes no ativismo como forma de existência. Para eles não há espaço para o gesto apolítico.

O que parece ocorrer nesta edição da Documenta 14, é o acontecimento quase unânime de uma experiência de *comparição*, ou seja, um posicionamento ético do artista que compromete-se em comparecer politicamente, e desenvolve sua pesquisa num entorno social sobre o qual agora é também responsável. Segundo Jean-Luc-Nancy, arte existe em função desse *em-comum*, é o caráter *co-lateral* da comunidade que exige envolvimento com o *outro*. Porém como manter a permeabilidade dessas discussões e como organizá-las em uma única mostra de modo a afetar de fato a experiência de comunidade em um mundo derivado dos sintomas da globalização? A intenção de problematizar a realidade do Sul existe, mas a curadoria não alcança por exemplo o afastamento esperado quanto ao padrão colonizador do Norte. A presença latino-americana também não foi uma escolha significativa da curadoria. Não houve se quer uma única representação da produção brasileira apesar das criações de artistas do Brasil nas últimas décadas, estarem significativamente inseridas nos debates sugeridos pela documenta de 2017.

O fato é que ainda que alguns questionamentos quanto as escolhas curatoriais em Atenas ou na cidade alemã surjam, Kassel *per se* oferece os códigos históricos necessários a uma produção política que reflita os desdobramentos de um mundo pós-guerras repleto das persistências pós-coloniais. Kassel representa o centro de maior produção de artigos militares durante a Guerra e atualmente ainda é um importante fabricante de tanques de guerra, embora modelos como esse não sejam publicamente exibidos no país. Esse provavelmente é o diálogo que a artista guatemalteca Regina Jose Galindo cria na videoinstalação em que aparece



correndo de um tanque em um campo onde ela exausta e aparentemente frágil, contrapondo a robustez militar, parece jamais ser alcançada.



Na mostra, o prédio Fridericianum, primeiro museu público da história, inaugurado em 1779, que também serviu brevemente [entre 1810 e 1813] como primeiro parlamento na Alemanha durante a expansão napoleônica na Europa, talvez seja o único local participante em todas as versões da Documenta de Kassel. Na edição 14 onde até então se lia Fridericianum na fachada, ele traz nova inscrição no trabalho elaborado pela artista de Ankara, Banu Cennetoglu, que escreveu em inglês “BEINGSAFEISSCARY”, “estar seguro é aterrorizante”, e que necessariamente afeta a cada um a sua maneira. Provavelmente a compreensão de uma provável segurança tirana, não seja simples a povos que sobrevivem diariamente a violência urbana. Por outro lado a fala relembra que *existir* sob vigilância, em um mundo conectado em rede, é ainda angustiante [como previu Michel Foucault]. A inscrição é baseada em um grafite observado pela artista sobre

a parede da Universidade Técnica Nacional de Atenas, e deixa claro que viver em estado de guerra lhe gera a asfixia desenhada pela frase.



O prédio Fridericianum recebe ainda pela primeira vez uma coleção organizada pelo Museu Nacional de Arte Contemporânea da Grécia com curadoria de Katerina Koskina. A escolha se concentra na produção grega e levanta questões militares que também nortearam o período da ditadura na Grécia. A presença de artistas internacionais como o albanês Andreas Lolis também marca as decisões curatoriais que esse espaço orienta. Lolis expõe seu trabalho *Shelter*: objetos que reproduzem partes de abrigos de moradores de rua aparentemente em isopor e papelão, porém surpreendentemente produzidos em mármore; uma combinação que revela a tensão entre o que a imagem apresenta e seu material constitutivo.



Trata-se de uma produção que toca sem dúvida no aspecto sobrevivente do sujeito que habita o mundo. Não mais o indivíduo submetido a tirania ou ao biopoder mas a sobrevivência. Agamben propôs que vivemos um estado contemporâneo de biopoder que reduz a vida à uma sobrevivência biológica; uma produção incessante de sobreviventes. “Somos todos mulçumanos” completa Peter Pal Pelbart.

A arte parece indicar que é sobre esses processos que ela se interessa. Uma grande mostra de produções contemporâneas será sempre um encontro, um convite a reflexão fugaz sobre as problemáticas que assolam as sociedades e estreitam suas áreas de contato, dissolvendo limites, diminuindo as distâncias e concentrando vozes, cada vez mais atentas aos que não tem par.